

Homenagem a Vida Maberino de Prego: *os destinos de um nome na celebração de um olhar*

Victor Guerra*, Montevidéo

É muito difícil resumir em poucas palavras o que foi a experiência de uma vida tão fecunda de alguém que levava como nome Vida... Sem dúvidas que o nome como forma de nominação, de significação, às vezes pode marcar tanto um destino de fechamento como de abertura, de inauguração. Quantas vezes recebemos, em nosso trabalho e na vida mesmo, situações nas quais o nome de uma pessoa parece ser uma atadura paralisante em seu processo vital?

Nomes que marcam como tatuagens a alma do sujeito em questão, já que parecem estar predeterminados por uma linhagem ancestral, um mandato transgeracional, ao repetirem, por exemplo, o nome de um familiar morto ou um nome para celebrar e deixar detido um momento especial dessa família. Sem sabê-lo, o nome sempre leva atado um fio, uma marca do inconsciente – para o mal ou para o bem.

E quando alguém leva o nome de *Vida*, esse alguém tem pelo menos duas possibilidades: ter nascido para trazer novamente à vida algo perdido dos ancestrais e/ou carregar esse nome para celebrar a vida, a criação e oferecer aos outros esta oportunidade. Ao mesmo tempo em que escrevo isto com lágrimas nos olhos, me animo a dizer que Vida Maberino de Prego com seus 99 anos encarnou esta segunda possibilidade. Do motivo pelo qual ela encarnou esse nome para seus pais nada sei e não importa. O que importa são os efeitos que ela deixou em quem teve o privilégio de conhecê-la. E disso quero dar o meu depoimento.

Este texto é uma homenagem sentida, um depoimento de gratidão. Não me aprofundarei, portanto, em dados biográficos. Direi somente que Vida foi uma das fundadoras da psicanálise de crianças no Uruguai e também em São Paulo, para onde viajou ao longo de anos com seu marido, o grande professor Luis Henrique Prego, a fim de iniciar a formação de colegas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo como analistas de crianças.

* Psicólogo, psicanalista e membro da Associação Psicanalítica do Uruguai (APU).

Poderíamos afirmar que eles introduziram o pensamento de Winnicott no Brasil e no Uruguai. O que faziam também através da formação de psicoterapeutas de orientação psicanalítica em sua *Clínica Prego* (fundada em 1976) e dos intercâmbios com os grupos da Clínica L. Kanner, do querido Professor Salvador Célia de Porto Alegre, com quem realizaram encontros regulares durante vários anos. Assim, os aportes de Luis Enrique e Vida se ampliavam por vários pontos do Brasil (Porrás, 2004, Prego, 2013, Hisada, 2015).

Vida foi alguém que ajudou com seu trabalho de analista a muitas pessoas, formou muitas outras e amou as artes, a literatura, a pintura e, especialmente, a poesia, a dança e a ópera. Meu vínculo direto com Vida começou na década dos 90 a partir de contatos profissionais, de escutá-la em congressos, jornadas, de me surpreender com o quanto se pode somar sensibilidade, profundidade e respeito pelo outro na escuta psicanalítica.

Foi desse modo que iniciei supervisões curriculares com ela e que se foi gestando um vínculo de amizade e consonância, especialmente pela articulação entre a arte e a psicanálise. Assim, no ano de 2000, recebi, impactado, o convite de Vida para que coordenássemos juntos um grupo de estudos sobre *Psicanálise de crianças*, especialmente, sobre a obra do colega francês Bernard Golse, autor que cada um de nós estudava em separado. Tivemos o privilégio de sua visita e amizade em mais de uma oportunidade.

Foi para mim uma surpresa e uma honra pensar que poderíamos fazer esse trabalho em comum. Reunimos várias pessoas interessadas, entre as quais colegas e amigas de diferentes disciplinas¹. Devemos ter em conta que, nesse momento, Vida contava 84 anos e, se não me engano, tinha pelo menos três grupos de estudo junto a outras atividades. Este grupo, às quintas à tarde, se reunia em sua casa para estudar tomar chá, desfrutar dos sabores de algumas tortas (feitas por ela) e da textura policromática de mil histórias que lentamente começaram a povoar, como um invólucro continente, o espaço de encontro.

Cada reunião era uma viagem. Uma viagem pela psicanálise, por autores, por histórias de vida. Com o passar do tempo foi ganhando mais espessura a oportunidade de Vida, especialmente, abrir alguns fios de sua história e de sua relação com a psicanálise e a arte. Por exemplo, fomos entendendo sua paixão pela ópera por ela nos contar que, na sua casa era comum escutá-las e que, em pequena, sua mãe a fazia dormir contando-lhe as tramas das óperas como se fossem uma história. Assim, percebemos que a pequena Vida separava-se de sua mãe e

¹ Grupo integrado pelas psicólogas Graciela Baeza, Vilma Belzarena, Mady Correa, Tatiana Santander, Patrícia Singer, Silvana Vignale, Alicia Zabala, a psicomotricista Claudia Ravera e a psiquiatra infantil Analia Camiruaga.

do mundo, adormecia tendo a voz materna a envolvê-la com narrativas sobre as paixões humanas. Tais narrativas davam lugar, também, ao humor, à ternura, à nostalgia, sobre um fundo de respeito e empatia pelas emoções humanas. Pode haver lição maior de articulação entre vida e psicanálise?

Como as páginas de um livro, Vida ia nos contando alguns momentos vívidos de seu transcorrer existencial: seu contato com a psicanálise, seu vínculo com os Baranger, suas viagens, a estadia nos anos 50 em Baltimore, nos EUA, quando o marido Luis Enrique Prego iniciou a formação como psiquiatra com Leo Kanner; sua relação com Esther Bick e a experiência de observação de bebês; histórias com pacientes e, como um fio comum atravessando o horizonte das palavras, sempre sua humildade, sensibilidade, respeito.

Vida foi alguém que publicou muito pouco, o que é lamentável. Acredito que em nosso *ambiente analítico* há apenas um trabalho seu: *A Casa, cenas de uma fantasia*, publicado há anos como homenagem em uma revista da Fepal.

Em uma das reuniões do grupo nossos pensamentos giravam sobre um tema recorrente: a importância do ambiente afetivo na sessão, a capacidade de metaforizar e sua relação com a sensorialidade e o pensamento. Fluíam espontaneamente associações sobre textos e sobre experiências clínicas com pacientes de diferentes idades. De repente, Vida lembrou que, há muitos anos, esboçara alguns desses aspectos em um trabalho que se chamava *O riso*, mas que era algo sem valor maior e não podia indicar onde estava.

Nessa mesma semana, contudo, nos propusemos sair a buscá-lo e o encontramos em uma antiga versão datilografada na biblioteca da Associação Psicanalítica do Uruguai. Na quinta seguinte, o texto palpitante esperava escondido em um envelope marrom, atento ao chamado de nosso olhar. Esse texto descrevia a análise que Vida realizara de uma paciente adulta com elementos depressivos. O notável é como Vida analisava intuitivamente tanto as cores das roupas como sua forma de se deslocar ao caminhar, metaforizando o estado emocional da paciente com uma paisagem outonal desde a qual se desprendiam folhas-emoções e que a textura de suas palavras tinha uma *cor de outono* que, com o tempo e a elaboração psíquica, fora mudando.

Trabalho analítico, texturas cromáticas, sensorialidades, transmodalidades, capacidade de metaforização da analista que pôde abrir caminhos de pensamento na paciente. Podíamos apreciar a sutil integração de uma linguagem corporal com a verbal para dar conta das vicissitudes da paisagem emocional da paciente. De onde vinha essa qualidade em Vida? Ela não sabia dizê-lo com precisão, mas nos dava a entender que sua relação com as artes abria nela uma sensibilidade para esses outros aspectos do discurso na cena analítica e na vida em geral. E

nisso também há uma história...

Durante os 15 anos do grupo, aqui e ali apareciam dois nomes citados com emoção e admiração especial: Alejandro e Clotilde Sakharoff. Eram dois bailarinos russos que, segundo ela, na década de 40 vieram ao *Rio da Prata* para mostrar sua arte. Vida lembrava para nós algumas temporadas de recitais de dança que esses artistas davam em Montevidéu e às quais assistia religiosamente a cada sábado com o marido Luis Enrique. Ela podia descrever alguns movimentos de Clotilde com uma sutileza muito marcada, quase com lágrimas nos olhos, pela celebração da arte e da expressão das emoções através dessa. Nós podíamos apenas ouvi-la e, às vezes, viajar com nossos sentidos pelas cenas... e, às vezes, duvidar...

Por quê? Por que ninguém conhecia *esses* Sakharoff, não encontrávamos quase rastros sobre esse período que ela contava com tanta paixão. Teriam sido tão geniais e criativos? Não seriam parte de uma fantasia de Vida recapturando um passado perdido? Finalmente comprovamos que quem fantasiava éramos nós, porque os Sakharoff foram uma realidade muito tangível. Descobrimos, inclusive, um livro de Alejandro intitulado *Reflexões sobre a música e a dança*.

O tempo foi passando, Vida avançava em idade e com ela alguns percalços de saúde, às vezes, o grupo era suspenso por gripes ou outras dificuldades. Vida se debilitava e nós com ela. Mas mantinha seu interesse em visitar as lembranças, as sensações e a arte. Assim, próximo ao final do ano passado, propus que trabalhássemos sobre o que nos aportava a arte para pensar os processos do pensamento. Queríamos trabalhar esse livro dos Sakharoff, mas não o encontrávamos.

Até que chegamos a janeiro deste ano. Em Montevidéu, nos domingos, tem uma feira muito especial, a Feira de Tristan Narvaja, onde se pode encontrar (quase) tudo, especialmente livros antigos. Fazia meses que buscava material dos Sakharoff sem sucesso. Até que nesse domingo de janeiro me encontro com um livreiro amigo e lhe pergunto sobre o livro. Ele me olha em silêncio, pergunta por que o meu interesse, conto-lhe então parte dessa história. Ele me diz que tivera o livro por anos e que no mês passado o vendera pela internet a uma professora de dança de Paris. Pensava, porém, ter uma revista onde se falava da vida daqueles bailarinos.

Minha surpresa foi maiúscula e meu agradecimento também, quando dias depois me avisou que tinha essa revista argentina, *Ars*, dedicada aos Sakharoff, editada nos anos 40 em Buenos Aires. Tal revista trazia depoimentos de uma série de intelectuais da época sobre o impacto estético ao presenciarem sua arte. Um deles, Antonio Berni, descrevia a plasticidade dos movimentos de Clotilde Sakharoff e *o manejo das metáforas rítmicas* quase da mesma forma como Vida

nos havia transmitido todos esses anos. A. Berni dizia: “Quando dançam os Sakharoff, a música parece tocada por eles mesmos, cada dedo da mão faz tanger uma nota que vai criando a frase musical como um eco do movimento do braço ou de qualquer parte do corpo” (1950, p. 7).

Imediatamente fizemos cópias da revista para todos os integrantes do grupo, porque intuíamos que esse texto acompanharia Vida em seus últimos passos na dança da vida... e foi assim. O dia em que lhe entreguei a revista e ela viu, emocionada, as fotos em branco e preto dos bailarinos, seu olhar ganhou um brilho inusitado e sua emoção trouxe ainda mais histórias. Durante as quintas de março e parte de abril deste ano, as histórias da relação entre a dança, a música, a arte e a psicanálise se desdobraram entre nós como uma coreografia de sentimentos e pensamentos e como forma de despedida.

Às vezes, parecia que os Sakharoff dançavam perto de nós e nos sorriam agradecidos por fazê-los renascer na lembrança emocionada do olhar e da voz de Vida e do texto. Porém, tudo isto tão belo e impactante vinha junto com a certeza evidente que Vida estava chegando ao seu fim e que jogaria por terra essa ilusão vã que a morte poderia esperar um pouco mais...

E, então, Vida morreu em 13 de maio deste ano com 99 anos, rodeada de seus filhos, noras, netos, bisnetos e por todos os que celebramos seu trânsito pela vida e que tivemos o privilégio de escutar suas histórias, de dançar com ela pelo espaço das vivências da alma humana. É assim que minha homenagem final a Vida está nas estrofes de um poema que não é senão um depoimento de agradecimento, uma homenagem a um olhar que parecia, vez por vez, inaugurar o mundo...

Tus ojos recibían el mundo²

*“Hay nombres que son soles ignorados,
iluminan sin saberlo” (Guerra, no prelo)*

*Tus ojos recibían el mundo,
dos esferas de luz nadando,
en un mar de sabiduría,
ahuyentando al dolor
y la pena contenida.*

² Teus olhos recebiam o mundo/ “Há nomes que são sóis ignorados/ iluminam sem saber”/ Teus olhos recebiam o mundo,/ duas esferas de luz nadando/ em um mar de sabedoria,/ afugentando a dor/ e a pena contida./ O mundo se fazia história/ (doce tecido de palavras)/ em tua voz e no teu

*El mundo se hacía historia
(tierno tejido de palabras)
en tu voz y en tu mirada.
Los recuerdos habitaban tu alma
e iluminaban nuestra existencia.
¿O tal vez eran tus ojos
Vida
los que generaban la luz del mundo?.*

*Mientras tanto, el sonido de una ópera
(que nos enseñaste a amar)
nos trae tu voz imperecedera
contando una y otra vez
las pasiones de los personajes,
sus dolores, sus amores,
que no eran otros que los tuyos,
Vida.*

*Y en tanto la tristeza dormía
en la noche eterna de los sueños,
tu rostro sostenía
el dolor de la existencia
y la alegría se deslizaba
en un viaje de papel.*

*¿Tus ojos?
Dos esferas de luz,
simplemente eso.
La ternura de la vida,
girando en armonía.*

olhar/ As lembranças habitavam tua alma/ iluminavam nossa existência/ Ou talvez eram teus olhos/ Vida/ os que geravam a luz do mundo?/ Enquanto isso, o som de uma ópera/ (que nos ensinaste a amar)/ nos traz tua voz imorredoura/ contando uma e outra vez/ as paixões dos personagens,/ suas dores, seus amores,/ que não era outros que os teus, Vida./ E enquanto a tristeza dormia/ na noite eterna dos sonhos,/ teu rosto sustentava/ a dor da existência/ e a alegria se deslizava/ em uma viagem de papel./ Teus olhos?/ Duas esferas de luz,/ simplesmente isso./ A ternura da vida,/ girando em harmonia./ E quanto quiséramos/ que não tivera mais dor de ausência!/ E quanto quiséramos/ que não tivera mais dor de despedida!/ Apenas tua presença Vida.../ Teus olhos e tua sabedoria, tua vida em nossa vida,/ feita história... dança... palavra.../ ...silêncio... esperança... alegria./ Vida.

*¡Y cuanto quisiéramos
que no hubiera más dolor de ausencia!
¡Y cuanto quisiéramos
que no hubiera más dolor de despedida!
Solo tu presencia Vida.....
Tus ojos y tu sabiduría,
tu vida en nuestra vida,
hecha historia... danza.... palabra...
....silencio.... esperanza.....alegría.
Vida*

Referências

- Berni, A. (1950). Todas las artes. Dedicada a los Sakharoff. *Revista Ars* (Año II), Buenos Aires.
- Guerra, V. (2015). *Os nomes* (poesia). No prelo.
- Hisada, S. (2015). Winnicott no Brasil. <http://encontrobrasilwinnicott.com.br/winnicott-no-brasil/>
- Porras, L. M. (2004). Homenaje al Profesor Emérito Dr. Luis E. Prego Silva en el XII Encuentro sobre el pensamiento de D. Winnicott. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 99:15-18 / http://www.apuruguay.org/revista_pdf/rup99/rup99-porras.pdf
- Prego, J. O. (2013). História de encontros. In C. Gutfreind, I. L. Celia, N. Beck, V. Guerra (Org.), *A obra de Salvador Celia: empatia, utopia e saúde mental das crianças* (pp. 255-7). Porto Alegre: Artmed.
- Revista Ars* (1950). Todas las artes. Dedicada a los Sakharoff (Año II). Buenos Aires.

Recebido em 08/09/2015

Aceito em 30/09/2015

Tradução de **Lunara Pilecco**

Revisão técnica de **Patrícia Lago**

Victor Guerra

Alfredo Baldomir, 2442/202

Montevideu – Uruguai

e-mail: vguerra@internet.com.uy

© Victor Guerra

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA